

A AQUISIÇÃO DO SUJEITO POR FALANTES BRASILEIROS APRENDENDO INGLÊS COMO L2

THE ACQUISITION OF THE SUBJECT BY BRAZILIAN SPEAKERS LEARNING ENGLISH AS L2

Rebeca Macedo Silva Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
meraritransportes@uol.com.br

Juliana Barros Nespoli Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
juliana_nespoli@yahoo.com.br

Resumo A teoria dos Princípios e Parâmetros investiga as semelhanças e diferenças das línguas naturais. Em relação ao sujeito, percebe-se que um parâmetro que diferencia as línguas é o sujeito nulo. Línguas como o PB, sobretudo quando se considera a modalidade escrita formal (KENEDY, 2016), são marcadas parametricamente como [+sujeito nulo]. Porém, esse mesmo caso não é observado no inglês, cujo parâmetro é [-sujeito nulo]. Considerando essas diferenças morfossintáticas, objetiva-se, com este trabalho, contribuir para o entendimento da aquisição de propriedades morfossintáticas no processo de aprendizagem de inglês como L2. Mais especificamente, pretende-se (1) investigar a aquisição do sujeito referencial por falantes nativos do português do Brasil aprendendo inglês como L2; e (2) investigar a aquisição do sujeito não referencial por falantes nativos do português do Brasil aprendendo inglês como L2. Parte-se da hipótese de que os falantes dessa língua preenchem mais o sujeito quando essa categoria é referencial do que quando essa categoria é não referencial em frases na língua inglesa em todas as etapas da aprendizagem, já que o sujeito não referencial no PB não é realizado por um pronome expletivo como ocorre no inglês. Para tanto, aplicou-se a falantes um teste linguístico de versão desenvolvido a fim de detectar a realização ou não do sujeito referencial e não referencial. Verificou-se que há maior preenchimento do sujeito referencial em comparação ao sujeito não referencial em todos os níveis de proficiência, revelando assim uma possível influência das propriedades morfossintáticas do PB no processo de aprendizagem de L2.

Palavras-chave Aprendizagem de L2, Língua inglesa Sujeito.

Abstract The Principles and Parameters theory investigates the similarities and differences of natural languages. In relation to the subject, it can be seen that a parameter that differentiates languages is the null subject. Languages such as BP, especially when considering the formal written modality (KENEDY, 2016), are parametrically marked as [+ null subject]. However, this same case is not observed in English, whose parameter is [-null subject]. Considering these morphosyntactic differences, the objective of this work is to contribute to the understanding of the acquisition of morphosyntactic properties in the process of learning English as a L2. More specifically, we intend to (1) investigate the referential subject by native speakers of Brazilian Portuguese learning English as a L2; and (2) to investigate non-referential subject acquisition by native speakers of Brazilian Portuguese learning English as a L2. It starts from the hypothesis that speakers of this language fill the subject more when this category is referential than when this category is non-referential in sentence in English at all stages of learning, since the non-referential subject in BP is not performed by an expletive pronoun as English. For this purpose, a linguistic version test was applied to speakers, developed in order to detect the realization or not of the referential and non-referential subject. It was found that there is greater completion of the referential subject compared to the non-referential subject at all levels of proficiency, thus revealing a possible influence of the morphosyntactic properties of BP in the L2 learning process.

Keywords L2 learning, English language, Subject;



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 15/07/2023
Publicado em 31/08/2023

1. INTRODUÇÃO

A teoria dos Princípios e Parâmetros investiga as semelhanças e diferenças entre as línguas do mundo. Em relação à categoria sintática sujeito, percebe-se que um parâmetro que diferencia as línguas naturais é o sujeito nulo. Línguas como o italiano, por exemplo, são marcadas parametricamente como [+sujeito nulo]. Porém, esse mesmo caso não é observado no inglês, cujo parâmetro é [-sujeito nulo]. Nesse panorama, o português do Brasil (PB) é um caso particular, dado que se comporta, na oralidade, como língua de sujeito nulo parcial e, na escrita padronizada, como língua de sujeito nulo plena. Considerando as diferenças morfossintáticas entre o inglês e o PB no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo, podemos destacar uma discussão que é feita no tocante à aprendizagem de inglês como L2 por falantes nativos do PB.

Com a finalidade de contribuir para as pesquisas científicas que contemplam de forma significativa a aprendizagem da L2, é proposto, por meio deste estudo, capturar as realizações de sujeito referenciais e não referenciais por brasileiros aprendizes de inglês como L2. Em síntese, este trabalho se justifica pela importância de buscar uma maior compreensão não só do processo de aprendizagem de L2 em si, mas também da aquisição de propriedades morfossintáticas específicas do inglês nesse processo. Além disso, este estudo, como outros de teor científico, apresenta informações relevantes para a formulação de uma descrição mais aprofundada para os professores de língua e linguistas que buscam desenvolver um material didático mais refinado, atualizado e articulado às reais dificuldades que os aprendizes apresentam no processo de aprendizagem da L2.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir para o entendimento da aquisição de propriedades morfossintáticas no processo de aprendizagem de inglês como L2. Estabelece-se como objetivo específico investigar a aquisição do sujeito por falantes nativos do português do Brasil aprendendo inglês como L2. Para tanto, este trabalho propõe analisar respostas elaboradas por falantes brasileiros em um teste de versão linguístico desenvolvido a fim de detectar a realização ou não do sujeito referencial e não referencial.

Com finalidade de atingir os objetivos estabelecidos acima, estipulamos como hipótese que os falantes brasileiros preenchem mais o sujeito quando

essa categoria é referencial do que quando essa categoria é não referencial em frases na língua inglesa em todas as etapas da aprendizagem.

O artigo aqui apresentado está dividido em cinco seções. Na primeira seção, há a introdução dos elementos essenciais deste trabalho. Na segunda, apresenta-se a fundamentação teórica, com conceitos relacionados ao parâmetro do sujeito nulo no português brasileiro e no inglês e à aquisição de linguagem e com alguns estudos que apontam transferência de propriedades da língua materna no processo de aprendizagem da L2. Em seguida, verifica-se a terceira seção referente à metodologia, na qual é apresentado o teste linguístico desenvolvido e aplicado nesta pesquisa. Na quarta seção, apresentamos os resultados e a análise. E na quinta e última seção, realizamos as considerações finais deste artigo.

1. Fundamentação teórica

Chomsky (1986) afirma que o ser humano saudável apresenta sistematicamente um comportamento criativo no que se refere à linguagem, destacando assim a habilidade que temos de estar frequentemente criando sentenças novas e inéditas das mais simples até as mais elaboradas. Tal criatividade, para o autor, é proveniente de uma disposição inata nomeada faculdade da linguagem.

O falante de uma língua tem intuição no que diz respeito às estruturas sintáticas que produzem e ouvem, sendo assim, consegue compreender perfeitamente uma frase gramatical e estranhar uma frase agramatical, devido à sua intuição. Observa-se, então, que existe um componente linguístico geneticamente determinado que constitui uma disposição natural para a linguagem. Isso significa dizer que a competência linguística não é resultado de nenhum esforço consciente, tampouco de instrução. A partir desse componente, denominado GU (Gramática Universal), possibilita-se a aquisição da língua materna (L1) e é nele que se encontram os princípios universais e os parâmetros, que são propriedades particulares das línguas.

Os gerativistas compreendem a GU como o estágio inicial da aquisição da linguagem humana. Esse estágio corresponde ao estado natural da cognição linguística humana antes do contato da criança com a língua-E de seu ambiente. A GU é interpretada, portanto, como uma propriedade do cérebro humano. Essa

propriedade é a concretização biológica de nossa faculdade da linguagem (seja na versão forte ou fraca do inatismo). Ela é a maneira pela qual a disposição para a linguagem deve estar codificada no Homo sapiens. (KENEDY, 2013, p. 94).

Na tentativa de descrever o funcionamento da GU, os linguistas gerativistas formularam a teoria dos Princípios e Parâmetros, que foi uma das grandes contribuições para a Linguística, cujos estudos são desenvolvidos na área da sintaxe, uma vez que, através da análise de estruturas sintáticas, permite-se observar e comparar as semelhanças e diferenças entre as línguas.

Entende-se como Princípio aquilo que é inerente entre as línguas, isto é, as propriedades gramaticais que são válidas para todas as línguas naturais, ao passo que Parâmetro é definido como propriedades particulares que são formatadas através da exposição aos dados do meio, conforme a experiência linguística do indivíduo, e são distribuídas de maneira binária (+ ou – o parâmetro x).

A categoria sujeito, objeto de estudo deste trabalho, exemplifica adequadamente essa teoria. Segundo Kenedy (2013, p. 91), o sujeito é um dos Princípios, pois se espera de todas as línguas naturais frases compostas por sujeito e predicado. Contudo, um fato importante sobre sujeito é que, em somente algumas línguas, o sujeito pode ser omitido da frase, isto é, pode não ser expresso. A fim de compreender melhor essa diversidade, é preciso entender primeiramente o que é o sujeito.

Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma explicitação léxica do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. (BECHARA, 2002, p.409).

Para Bechara, a categoria sujeito deve estar em consonância formal com o núcleo do verbo, pois apresenta como característica uma marcação morfológica denominada dependência sintática, ou seja, o sintagma nominal (SN), em uma estrutura, é mais marcado quando apresenta relações de concordância com o verbo, podendo assim ser facilmente identificado como sujeito da oração. Nesse aspecto, a perspectiva de Perini (1996, p. 77) converge com a descrição anterior, pois o autor conclui que a definição mais coerente para o sujeito é a que segue o critério sintático. Entretanto, há casos

em que o sujeito pode ser omitido na frase, o que configura o sujeito nulo. Pensando nisso, Duarte (2007) propõe uma classificação para o sujeito organizado quanto à forma (estrutura) – expresso e não expresso – e quanto à referência (seu conteúdo, seu valor semântico) – referência definida, indefinida ou não ter qualquer referência. Para este trabalho, utilizamos a expressão “sujeito referencial” para nomear as construções de sujeito com referência definida e indefinida, como no exemplo (1) e (2), respectivamente, e usaremos a expressão “sujeito não referencial” para indicar as construções com o sujeito sem referência, como no exemplo (3). Vale salientar que todos os exemplos selecionados para ilustrar a classificação do sujeito dentro da perspectiva de Duarte se encontram também na categoria de sujeito não expresso. Essa escolha tem a intenção de ilustrar justamente o fenômeno investigado nesta pesquisa. No inglês, por exemplo, a não realização fonética do sujeito leva à gramaticalidade, portanto, as sentenças (1) e (2) teriam em sua versão os sujeitos “*We*” e “*They*” expressos. Além disso, no exemplo (3), tradicionalmente, considera-se que a oração é sem sujeito. Contudo, uma análise da tradução do exemplo (3) para outras línguas revela a presença de um expletivo (no caso do inglês, “*it*”), o que indica que, na verdade, há um sujeito sem referência, que não é expresso em línguas como o português.

- (1) Fomos ao mercado ontem.
- (2) Falaram que você gosta de mim.
- (3) Nevou muito.

O sujeito nulo, bem como os demais parâmetros, é variável e binário, isto é, em algumas línguas, ele vai ser formatado como positivo [+sujeito nulo] ou negativo [-sujeito nulo]. O português, se observarmos os exemplos acima, poderia ser categorizado como [+sujeito nulo]. Porém, Duarte (2007) comprova que o PB opta em suas construções da modalidade oral por sujeitos referenciais expressos, tanto na primeira e segunda pessoa, como na terceira. Assim, os três exemplos retirados de Kato & Duarte (2005, p.34) em (4) ilustram essa preferência no PB.

- (4) a. **Eu** acho que **eu** passaria por causa da base que eu tinha.

b. **Vocês** dizem isso porque **vocês** são jovens.

c. **Ela** ficou solteira porque **ela** quis.

Desse modo, as autoras defendem que o PB, no que diz respeito à oralidade, corresponde a uma língua de sujeito nulo parcial, o que, para as autoras, revela a problemática dessa divisão binária do Parâmetro. Esse emprego crescente dos pronomes pessoais sujeito presente na história do PB é acompanhado de dois fatores: o primeiro se revela pelo enfraquecimento da morfologia verbal com conseqüente redução do paradigma verbal e o segundo pela reestruturação do sistema pronominal, segundo Rosa (2020).

Para esse autor, o PB permite, além de maior preenchimento do sujeito referencial, preencher mais as posições de sujeitos de referência arbitrária, sujeitos com correferente não animado e duplicação de sujeito por um pronome em relação ao português europeu. As sentenças (5), (6) e (7), retirados de Rosa (2020, p.62), ilustram esse maior preenchimento em relação às posições seguindo a ordem descrita acima:

(5) Eles deveriam ensinar amor às crianças.

(6) A casa virou um filme quando ela teve de ir abaixo.

(7) O Paulo ele gosta de cinema brasileiro.

Além disso, Kenedy (2016), ao abordar as diferenças entre o português vernáculo brasileiro e a escrita culta, mostra que a utilização do sujeito referencial expresso é manifestada no primeiro caso, enquanto, no segundo, opta-se pelo apagamento do sujeito. Em outras palavras, na escrita formal, o PB é categorizado como sujeito nulo pleno.

No que diz respeito ao inglês, sabe-se que essa língua não permite o apagamento do sujeito. Podemos observar isso nos exemplos de Haegeman & Guéron (1998).

(8) a. *She has invited Louise to her house.* (“Ela convidou Louise para sua casa”)

b. **Has invited Louise to her house.*

As autoras utilizam esses exemplos para justificar que a gramática de uma língua não irá gerar frases que não fazem parte das propriedades dessa

língua, contrastando o inglês com a língua italiana, de modo que, nessa última, a posição do sujeito pode ser ocupada por uma categoria vazia, isto é, a gramática do italiano é diferente da gramática do inglês nesses casos, já que o italiano apresenta disponibilidade de construções com sujeito nulo.

Pinto (2020) confirma em sua pesquisa que a língua inglesa é, de fato, uma língua classificada como [-sujeito nulo], ao testar as restrições de Haegeman & Guéron em eventuais apagamentos do sujeito no inglês americano.

(...) constatamos que a língua inglesa não apresenta as propriedades sintáticas necessárias para ser classificada como uma língua de sujeito nulo, se a compararmos com o português, por exemplo. Isso se deve ao fato inclusive de o inglês não possuir uma flexão verbal rica, não permitir a presença de um complementizador para substituir a ausência do sujeito, além de não admitir a possibilidade de o sujeito aparecer depois do verbo. (PINTO, 2020, p.18).

Pinto (2020) também analisa em seu trabalho dados linguísticos em que o sujeito foi omitido no inglês americano em certos contextos, por exemplo, nas entrevistas, em que foram encontradas pela autora ocorrências de omissão que se deram todas na primeira pessoa do singular.

(9) *Not proud of that.* (“Não tenho orgulho disso.”)

Segundo a autora, as eventuais ocorrências de apagamento do sujeito no inglês não violavam as restrições verificadas em Haegeman & Guéron para que a língua fosse considerada de sujeito nulo. A análise das sentenças sem sujeito realizado foneticamente está interligada aos contextos sociocomunicativos, sendo consideradas “*minorsentence*”, isto é, frases que não precisam de todos os elementos para serem compreendidas. Vale salientar que, de acordo com a autora, o sujeito será raramente apagado quando se referir a entidades que não estão presentes na interação, pois esse caso demanda que se especifiquem as entidades referidas linguisticamente.

Dado que este estudo gira em torno da aquisição de inglês como L2, parte-se neste momento para o questionamento feito pelos linguistas no tocante à aquisição de uma L2, isto é, qualquer língua aprendida após um prazo específico denominado período crítico de aquisição da linguagem.

Considerando que a GU possibilita a aquisição de qualquer língua humana, contanto que o indivíduo seja exposto aos dados de *inputs*

linguísticos, chamar a aquisição de L1 de aprendizagem é um equívoco, pois a criança não pratica qualquer esforço para que a língua seja desenvolvida plenamente. Além disso, Chomsky (1996) destaca que o indivíduo, em seu processo de aquisição da língua materna, tem a capacidade de aprender mais do que os dados linguísticos aparentemente oferecem. Essa capacidade foi uma questão levantada pelo autor e é explicada pela existência da GU, já que é um conjunto de restrições, universais e inatas, que contém todas as informações necessárias para a aquisição de uma língua, até as informações que não estão nos dados de entrada.

Já em relação à segunda língua (ou L2), segundo White (1989), essa competência pode ser representada por uma gramática mental, pois, de acordo com a autora, ao compararmos a aquisição de L1 em relação à de uma L2, podemos observar uma semelhança ligada à inevitabilidade de produzir um sistema linguístico através dos *inputs*.

Todavia, vale ressaltar que é notório que há diferenças fundamentais nos dois processos, uma vez que, na aquisição de L2, existem diversos fatores que podem causar interferência tanto no processo como no resultado. Podemos pontuar, por exemplo, fatores como a idade, o momento em que a aquisição se dá, entre outros (LICERAS, 2004).

Dentro desse processo de aprendizagem de uma L2, é levantada também como questão a capacidade do aprendiz de fazer generalizações e construir um sistema conhecido além dos dados de entrada como ocorre com a L1, isto é, o falante de L2 não se limita a apenas repetir e imitar o que ouve, mas ele constrói frases próprias, gerando um questionamento sobre a possibilidade de a GU ser uma explicação válida para esse processo de aquisição, tal como o é no caso da língua materna.

Flynn & Martohardjono (1994) enfatiza essa ideia ao analisar esses fatos em seu estudo, afirmando que

(...) há evidências empíricas suficientes para sugerir que pode haver uma semelhança profunda entre a aquisição de L1 (criança) e L2 (adulto). (...) De fato, parece haver certas semelhanças importantes que sugerem que os dois processos derivam da mesma fonte. (FLYNN & MARTOHARDJONO, 1994, p.320).

Do mesmo modo, há um importante questionamento levantado pelos linguistas no que diz respeito a como os aprendizes de L2 aprendem propriedades morfossintáticas, já que algumas das dificuldades dos aprendizes se revelam justamente na realização dessas propriedades. White (1989) propõe três hipóteses no tocante ao envolvimento da L1 e da GU no processo de aprendizagem de uma L2. A primeira se refere à possibilidade de haver acesso nulo à GU. Segundo essa hipótese, no processo de aprendizagem de L2, não há acesso à GU durante o desenvolvimento cognitivo, o que leva a autora a acreditar que L1 e L2 são atividades fundamentalmente diferentes, pois a aprendizagem de L2 é comparada a qualquer outro tipo de aprendizagem humana, sendo governada por outras faculdades cognitivas, enquanto a L1 é governada pela faculdade específica da linguagem, isto é, de domínio linguístico. A segunda hipótese se refere à possibilidade de haver acesso total à GU. Segundo essa premissa, há o alcance de propriedades importantes pelos falantes de L2 sem qualquer envolvimento da gramática da L1, operando somente com a GU durante a aquisição, isto é, o falante tem acesso total à GU para fixar os valores paramétricos da língua-alvo. Já a terceira hipótese se refere à possibilidade de haver acesso parcial à GU. Segundo essa hipótese, adotada em White e neste estudo, é reconhecido o papel da GU e da L1. Segundo White, mesmo considerando a GU como estado inicial, há grande influência da L1 no desenvolvimento da L2, inclusive nos estágios finais da aquisição, ou seja, por intermédio da L1, a L2 tem acesso aos Princípios e Parâmetros da GU. Assim, assumimos, para esta investigação, a terceira hipótese, que admite a atuação da GU e da língua materna no processo de aprendizagem de uma L2.

Considerando a comparação feita anteriormente entre a aquisição de L1 e L2, vale destacar que considerar o processo de alcançar uma L2 como aquisição é questionada por muitos teóricos e, para compreender esta pesquisa sem qualquer incoerência indesejada, é preciso esclarecer a diferença entre os termos “aquisição” e “aprendizagem”. Segundo Krashen (1981), é possível reconhecer o processo de fluência em uma L2 como aquisição quando este processo se assemelha a de uma criança quando adquire sua língua materna. Nesse caso, os elementos que compõem o desenvolvimento de uma L1 são também encontrados no processo de alcance da segunda língua.

Esses elementos se referem às interações que geram os *inputs* linguísticos, ao foco do indivíduo e ao meio que utiliza para a compreensão da língua desejada, o que o torna um sujeito ativo dentro desse desenvolvimento. De forma mais clara, o conhecimento atingido pelo falante é formado através de interações significativas de convívio com sujeitos que dominam a língua-alvo, pertencentes a um ambiente em que não estão preocupados com a construção dos enunciados, mas sim com a mensagem transmitida, pois, dentro desse processo, ocorre uma assimilação natural e intuitiva. Como na aquisição de L1, o adulto dentro desse processo adquire uma habilidade funcional que é responsável pela comunicação criativa, podendo ainda surgir na sua fala uma familiaridade com a característica fonética da língua.

Um exemplo de aquisição de L2 é o caso de pessoas que se inserem na comunidade da língua-alvo ou tem a oportunidade de interagir com falantes nativos com uma frequência regular e alcança um alto grau de fluência na língua estrangeira através de um processo natural e inconsciente sem ter frequentado qualquer curso e nem ter adquirido qualquer conhecimento teórico sobre a língua, ou seja, sem instruções formais.

Entretanto, é possível reconhecer o processo de fluência em uma L2 como aprendizagem quando este processo está relacionado ao que se entende por abordagem tradicional do ensino de línguas, ou seja, o adulto alcança a língua-alvo através de um desempenho progressivo, repetitivo e acumulativo, que está atrelado a um plano didático com o foco na forma da língua, o que exige por parte do aprendiz um esforço para reter o conhecimento (SAMPAIO, 2011).

Um exemplo de aprendizagem de L2 é, portanto, os casos de alunos que frequentam cursos de língua estrangeira e aprendem através de ensino formal, ou seja, é um processo consciente, controlado e é ajudado pela aprendizagem de regras e correção de erros. Sendo assim, optou-se, para este trabalho, por usar o termo aprendizagem devido ao objetivo do trabalho.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir para o entendimento da aquisição de propriedades morfossintáticas no processo de aprendizagem de inglês como L2. Mais especificamente, pretende-se (1) investigar a aquisição do sujeito referencial por falantes nativos do português do Brasil aprendendo inglês como L2; e (2) investigar a aquisição do sujeito

não referencial por falantes nativos do português do Brasil aprendendo inglês como L2. Parte-se da hipótese de que os falantes dessa língua preenchem mais o sujeito quando essa categoria é referencial do que quando essa categoria é não referencial em frases na língua inglesa em todas as etapas da aprendizagem.

2. Metodologia

A fim de alcançar os objetivos propostos para este estudo, elaboramos uma metodologia dividida em etapas. Inicialmente selecionamos os informantes que participariam da nossa pesquisa realizando um teste linguístico, mais especificamente um teste de versão. Esses correspondem a falantes brasileiros, maiores de dezoito anos, que estão aprendendo inglês como L2 e que já obtiveram algum contato anteriormente com o ensino desta língua. A intenção era formar um grupo composto por falantes em diferentes níveis de proficiência da língua inglesa. A partir disso, como procedimento de aplicação, optou-se por disponibilizar aos informantes um *link* de compartilhamento publicado nas redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, a fim de alcançar um número satisfatório de informantes para a pesquisa, com um formulário no *Google Forms* contendo quatro etapas: um informe, o Termo de Conscientização Livre e Esclarecido (TCLE), questionário e o teste linguístico.

O informe foi um aviso prévio direcionado para o nosso informante declarando que o teste linguístico é para ser realizado somente por maiores de dezoito anos e por quem já tenha estudado inglês em um determinado momento ao longo de sua vida.

Subsequentemente, visualiza-se o Termo de Conscientização Livre e Esclarecido (TCLE)¹, que esclarece para o voluntário que o teste faz parte de uma pesquisa sob a nossa responsabilidade, os objetivos deste trabalho, os possíveis riscos a que ele estará submetido ao realizar o teste e um meio de contato caso seja necessário qualquer outro esclarecimento. Ao final da página, havia duas opções: (1) Sim, concordo com o Termo e (2) Não, não concordo com o termo. Ao escolher esta última opção, ele seria direcionado a

¹Seguem os dados da aprovação pelo Comitê de Ética: 58589722.4.0000.5609 (CAAE) e5.448.650 (número do parecer).

uma mensagem de agradecimento por acessar o nosso formulário; no caso da escolha da primeira opção, ele seria direcionado ao questionário.

Diante disso, o perfil dos participantes (daqueles que concordaram com o termo) foi delineado através de um questionário disponibilizado previamente ao teste linguístico, solicitando as seguintes informações: cidade onde mora, idade do participante, nível de escolaridade com opções para ensino médio incompleto, ensino médio completo, superior incompleto, superior completo, mestrado ou doutorado e tempo de estudo da língua inglesa com as seguintes opções: menos de um ano, um ano, dois anos, três anos e mais de quatro anos, como foi relatado anteriormente. Vale salientar que o informante não foi questionado quanto ao seu nome ou quanto a qualquer informação que o identifique.

Utilizamos como critério para aferir o nível de proficiência do aprendiz o quadro proposto em Marques (2004), segundo o qual haveria cinco níveis de proficiência com base no tempo de exposição e estudo da língua estrangeira: Básico I (até 12 meses), Básico II (de 13 a 24 meses), Intermediário I (de 25 a 38 meses), Intermediário II (de 39 a 48 meses) e Avançado (a partir de 48 meses). Baseando-nos nisso, desenvolvemos um quadro reduzido que define o nível do informante de acordo com seu tempo de exposição à língua, conforme o quadro a seguir:

Nível	Tempo de exposição à língua
Básico	Até 24 meses
Intermediário	De 25 a 47 meses
Avançado	A partir de 48 meses

Figura 1: Subdivisão em níveis de exposição à segunda língua. Fonte: Elaborado pelas autoras

Após o preenchimento do questionário, os participantes foram expostos às sentenças do teste linguístico, para as quais deveriam redigir as versões em inglês do modo como julgassem adequado, sentindo-se à vontade para fazer uso de um registro informal da língua e até mesmo não preencher alguma sentença.

O teste linguístico, mais especificamente o teste de versão, é constituído por 20 histórias curtas escritas em português, 10 alvos e 10 distratoras. Essas histórias foram apresentadas ao informante de forma randomizada.

Visando controlar as variáveis linguísticas em todos os grupos, optamos por manter o verbo na terceira pessoa do singular, utilizar a forma ativa e os tempos verbais presente ou pretérito perfeito, visto que são formas verbais simples do português que têm correspondência também com formas verbais simples no inglês.

Em relação às histórias-alvo, foram propostas 5 histórias para investigar o sujeito referencial e 5 para investigar o sujeito não referencial, obedecendo à seguinte estrutura:

Período com a introdução da história + Conectivo + Categoria vazia + Verbo + Complementos ou Adjuntos

A categoria vazia ora se refere a um sujeito referencial e, portanto, pode ser recuperado anaforicamente no período que introduz a história, ora se refere a um sujeito não referencial e, portanto, deve ser preenchido por um pronome expletivo no inglês.

Apresenta-se a seguir exemplos de histórias que compuseram o teste linguístico dentro dessa estrutura utilizada para a investigação do sujeito referencial e não referencial, respectivamente.

(10) Maria estudou muito durante a semana. Por isso, conseguiu o primeiro lugar no exame.

(11) Felipe visitou o Rio de Janeiro no fim de semana. No entanto, choveu muito naquela cidade.

Por fim, as histórias distratoras tiveram a finalidade de distrair o participante em relação ao fenômeno a ser investigado nas histórias-alvo. Para isso, optamos por utilizar diferentes sintagmas preposicionados nas histórias, pois os aprendizes de inglês como L2 frequentemente apresentam dificuldades com o uso de preposição. Sendo assim, as histórias distratoras tiveram o intuito de tirar o foco do participante em relação à categoria sujeito. Esse grupo de histórias apresenta a seguinte estrutura:

Período com a introdução da história + Conectivo + Sujeito + Verbo + Sentença Preposicionado.

Apresenta-se a seguir um exemplo de história distratora que compôs o teste.

(12) As aulas de português são ótimas. Entretanto, os alunos não foram à aula após a mudança de professor.

As respostas obtidas pelos informantes foram analisadas uma a uma verificando, através das respostas oferecidas, se os participantes preenchem o sujeito referencial e o sujeito não referencial nas suas versões em inglês como é previsto nas estruturas da língua inglesa ou se não preencheram, seguindo a estrutura da língua materna, mesmo que isso gere uma sentença agramatical na língua-alvo. Para isso, levamos em consideração a capacidade, já mencionada, do aprendiz de fazer generalizações e construir um sistema conhecido além dos *inputs* através do acesso parcial à GU proposto por White (1989). Foi feito um levantamento quantitativo de modo a verificar, dentre as eventuais dificuldades identificadas, se estão mais relacionados ao sujeito referencial, não referencial ou se aproximam muito em quantidade de ocorrência.

Ressaltamos que o trabalho não possui a finalidade de oferecer ao informante dados sobre o seu nível de proficiência. Além disso, quaisquer desvios registrados na escrita ou na estrutura que não possui uma relação com a categoria sujeito não foram levados em consideração na pesquisa realizada.

Apresenta-se, a seguir, os resultados obtidos a partir da aplicação do teste linguístico.

4 Resultados e análise

Os dados obtidos através do teste linguístico foram analisados dentro da adequação da gramática inglesa descrita por Haegeman & Guéron (1998). Foi analisado se há uma possível inclinação ao preenchimento ou não do sujeito anafórico ou expletivo por parte desses estudantes.

Foram analisados os dados de 20 voluntários, devidamente categorizados. O perfil dos informantes pode ser considerado como heterogêneo, englobando informantes de diferentes regiões do território nacional, com diferentes níveis de escolaridade, idades que variam entre 19 e 69 anos e diferentes níveis de proficiência da língua inglesa. O número de voluntários por nível de proficiência é apresentado no quadro 2 a seguir.

Nível	Básico	Intermediário	Avançado
Informantes	7	2	11

: Relação da distribuição dos voluntários nos níveis de proficiênciaFonte: Elaborado pelas autoras

Seguem abaixo os resultados da investigação do sujeito referencial no nível básico:



Gráfico I – Dados referentes à investigação de sujeito referencial, no nível Básico

Em relação às histórias de sujeito referencial no nível Básico, não foram contabilizadas 4 histórias para as quais não foram feitas suas respectivas versões pelos participantes, sendo analisadas apenas 31. Percebe-se que alguns participantes preencheram o sujeito referencial utilizando o pronome “*He*” em vez de “*she*”. Isso se justifica pela possibilidade de que, no nível básico, os falantes apresentam pouco domínio da língua, porém contabilizamos como uma história preenchida, pois, apesar da confusão entre os pronomes, o informante optou por realizar o sujeito.

Apresenta-se a seguir um exemplo de história preenchida e não preenchida por um sujeito referencial pelos informantes desse nível, respectivamente.

(13) *Maria studied very much in the week. Because of that, she got the first place in the exam.* (“Maria estudou muito durante a semana. Por isso, conseguiu o primeiro lugar no exame.”)

(14) *Bia is sad with your class. Because not speak with your friends in the party.*

(“Bia está triste com sua turma. Por isso, não conversou com seus amigos na festa.”)

Seguem abaixo os resultados da investigação do sujeito não referencial no nível Básico.



Gráfico II – Dados referentes à investigação de sujeito não referencial, no nível Básico

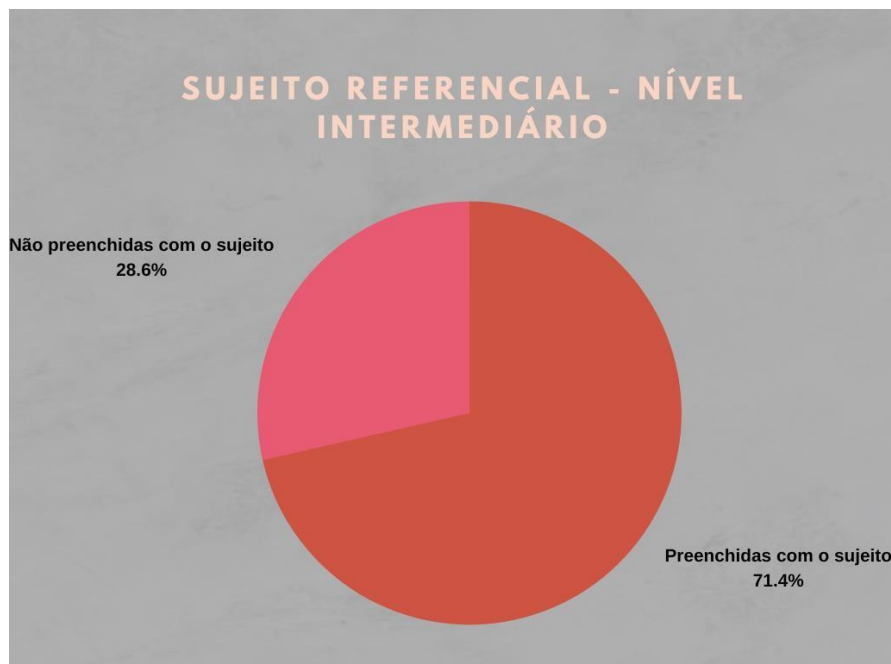
Quanto às histórias de sujeito não referencial no nível Básico, não foram contabilizadas 8 histórias para as quais não foram feitas suas respectivas versões pelos participantes, sendo analisadas apenas 27. Observa-se que, em relação à comparação entre o gráfico II e o anterior, há mais histórias não preenchidas com o sujeito nos índices indicados nesse gráfico. Além disso, é possível perceber, através do resultado do não preenchimento do sujeito, que o uso do pronome “it” ainda não está consolidado até mesmo pelo pouco tempo de estudo da língua.

Apresenta-se a seguir um exemplo de história preenchida e não preenchida por um sujeito não referencial pelos informantes desse nível, respectivamente.

(15) *Isadora planned to travel last week. However, it snowed a lot in the desired city.* (“Isadora planejou viajar na semana passada. Entretanto, neveu muito na cidade desejada.”)

(16) *Isadora planed a trip in the last week. But snowed in the city.*

Seguem abaixo os resultados da investigação do sujeito referencial no nível Intermediário.



erentes à investigação de sujeito referencial, no nível Intermediário

No nível Intermediário, não foram contabilizadas 3 histórias para as quais não foram feitas suas respectivas versões pelos participantes, sendo analisadas apenas 7. Observa-se, no gráfico do nível intermediário, que há um aumento expressivo dos índices de preenchimento do sujeito referencial em relação ao nível básico.

Apresenta-se a seguir um exemplo de história preenchida e não preenchida por um sujeito referencial pelos informantes desse nível, respectivamente.

(17) *Bruno ended his relationship. But, he still loves Maria.* (“Bruno terminou o namoro. Porém, ainda ama Maria.”)

(18) *Bruno break up his relationship. But, still loves Maria.*

Seguem abaixo os resultados da investigação do sujeito não referencial no nível Intermediário.



ntes à investigação de sujeito não referencial, no nível Intermediário

Observa-se, nesse gráfico, que o preenchimento do sujeito não referencial se encontra em uma proporção bem dividida entre o preenchimento e o não preenchimento, revelando que a obrigatoriedade de utilizar o sujeito expletivo nas sentenças ainda não é um conhecimento consolidado pelo estudante que se encontra neste nível de proficiência.

Vale ponderar que nossa análise deve ser vista com cautela, pois, em relação às histórias de sujeito não referencial no nível Intermediário, não foram contabilizadas 4 histórias para as quais não foram feitas suas respectivas versões pelos participantes, sendo analisadas apenas 6, o que não favoreceu quantitativamente a análise dos dados.

Apresenta-se a seguir um exemplo de história preenchida e não preenchida por um sujeito não referencial pelos informantes desse nível, respectivamente.

(19) *Caio bought one jacket for the winter in Brazil. However, it was very hot most of the days.* (“Caio comprou uma jaqueta para o inverno do Brasil. Porém, esquentou muito na maioria dos dias.”)

(20) *Isadora planed to travel last week. But, snowed a lot in the chosen city.* (“Isadora planejou viajar na semana passada. Entretanto, nevou muito na cidade desejada.”)

Seguem abaixo os resultados da investigação do sujeito referencial no nível Avançado.

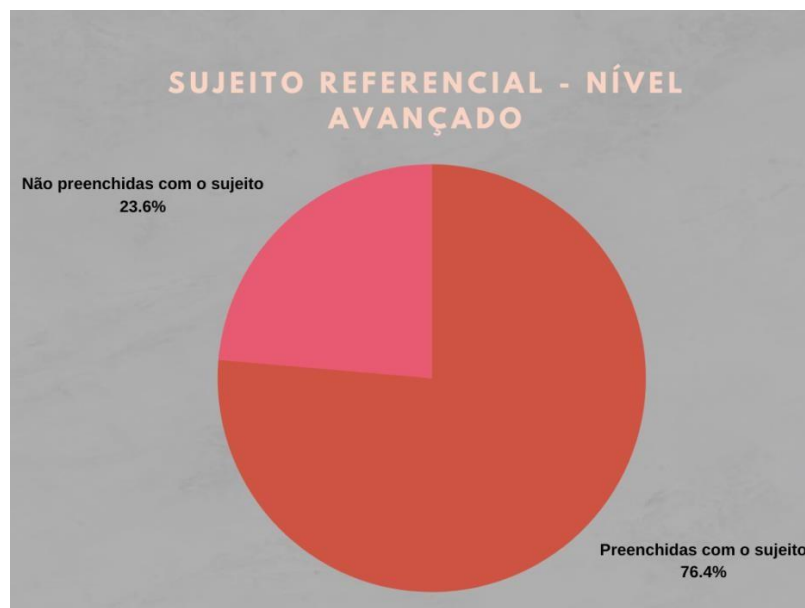


Gráfico V – Dados referentes à investigação de sujeito referencial, no nível Avançado

Quanto às histórias de sujeito referencial no nível Avançado, foram contabilizadas 55 histórias, sendo todas analisadas. Observa-se que o resultado obtido no nível intermediário, em relação ao preenchimento do sujeito referencial, se aproxima do resultado obtido no nível avançado. Como foi analisado anteriormente, há um aumento expressivo nos índices do básico para o intermediário em relação a essa categoria, revelando que o preenchimento do sujeito referencial parece se consolidar a partir do intermediário. Além disso, percebe-se que, quanto mais proficiente era o falante, mais ele preenchia o sujeito referencial.

Apresenta-se a seguir um exemplo de história preenchida e não preenchida por um sujeito referencial pelos informantes desse nível, respectivamente.

(21) *Lília watched a lot of movies at Monday night. Surely, she didn't get wake up early next morning.* (“Lília assistiu a muitos filmes na noite de segunda-feira. Certamente, não conseguiu acordar cedo na manhã seguinte.”)

(22) *Lilia watched a lot of movies Monday night. Surely didn't woke up early next morning.*

Seguem abaixo os resultados da investigação do sujeito não referencial no nível Avançado.



tes à investigação de sujeito não referencial, no nívelAvançado

Em relação às histórias de sujeito referencial no nível Avançado, foram contabilizadas 55 histórias, sendo todas analisadas. Observa-se que, mais umavez, o sujeito é mais preenchido e que há um aumento expressivo dos índices de preenchimento do sujeito expletivo em relação ao intermediário, revelando que o saber do aprendiz de língua inglesa se consolida mais a partir do nível avançado em relação ao preenchimento do “it”.

Apresenta-se a seguir um exemplo de história preenchida e não preenchida por um sujeito não referencial pelos informantes desse nível, respectivamente.

(23) *Felipe visited Rio de Janeiro this weekend. However it rained a lot inthat city.* (“Filipe visitou Rio de Janeiro no fim de semana. No entanto, choveu muito naquela cidade.”)

(24) *Felipe visited Rio de Janeiro over the weekend. However, rained a lot in that city.*

Percebe-se também, através do gráfico, que uma pequena parcela dessas histórias teve sua estrutura modificada, de modo que foram preenchidas, mas não por um sujeito não referencial, como por exemplo:

(19) *Maria visited Brazil in the summer of last year. However, **the weather** was cold on several days during her visit.* (“Maria visitou o Brasil no verão do ano passado. No entanto, o tempo esteve frio em vários dias durante sua visita.”)

É importante mencionar que no nível avançado não foi necessário descartar as histórias para as quais não foram feitas suas respectivas versões, pois os informantes realizaram todas as histórias propostas no teste revelando que de fato todos compõem um grupo de avançados. Além disso, em todos os níveis de proficiência, a história apresentada a seguir, pertencente aos casos de preenchimento do sujeito não referencial, obteve destaque durante a análise por manifestar um alto grau de dificuldade entre os informantes. Ao comparar com as demais histórias, observamos que essa foi a única história que, no período introdutório, utilizamos sujeito não humano, mais precisamente o nome de uma cidade. Essa característica do teste pode ter influenciado os informantes ao não preenchimento do sujeito expletivo “it”.

(20) Dubai sofreu com a falta de chuva neste verão. Além disso, não ventou em nenhum dia.

A fim de analisar os resultados obtidos, é preciso primeiramente retomar a hipótese da pesquisa. Conforme mencionado, a nossa hipótese estabelece que os falantes dessa língua preenchem mais o sujeito quando essa categoria é referencial do que quando essa categoria é não referencial em frases na língua inglesa em todas as etapas da aprendizagem. Comparando os dados do sujeito referencial ao do sujeito não referencial, verifica-se um maior preenchimento do sujeito referencial em todos os níveis de proficiência (Básico, Intermediário e Avançado). Logo, a hipótese foi confirmada.

Em uma investigação mais apurada sobre o alto índice de preenchimento do sujeito referencial, é possível perceber uma atuação da gramática da língua materna levando em consideração que o português vernáculo brasileiro opta em suas construções por sujeitos referenciais expressos. Assim como é possível perceber que o baixo índice de preenchimento do sujeito não referencial em relação ao referencial, principalmente no nível básico e intermediário, se deve também à influência da L1 no processo de aprendizagem da L2. Leva-se em consideração, portanto, a capacidade do aprendiz de fazer generalizações, já mencionada anteriormente,

e de ter elaborado histórias seguindo a estrutura da língua materna, mesmogerando sentenças agramaticais na língua-alvo.

5. Considerações finais

Neste artigo, buscou-se apresentar uma pesquisa que investiga a aquisição do sujeito por falantes nativos do PB aprendendo inglês como L2. Mais especificamente, pretendia-se detectar a realização do sujeito referencial e não referencial por esses aprendizes. Portanto, a partir da aplicação do teste de versão foi possível chegar a algumas conclusões.

Considera-se que o sujeito referencial, embora seja amplamente preenchido no PB, pode se realizar de forma nula nessa língua, o que não é o caso do inglês, ao passo que o sujeito não referencial se realiza obrigatoriamente de forma nula no PB e com pronome expletivo no inglês. Nesse sentido, observa-se que a hipótese foi confirmada em virtude do alto índice de preenchimento do sujeito referencial em todos os níveis de proficiência em relação ao sujeito não referencial, o que pode revelara influência da gramática da língua materna no processo de aprendizagem de L2 no que diz respeito às propriedades morfossintáticas do sujeito no PB.

Espera-se com este trabalho, contribuir para as futuras pesquisas, de modo que acreditamos ser possível obter resultados mais aprofundados relacionados aos diversos conhecimentos adquiridos durante esse processo de aquisição que produz inúmeras dúvidas entre os pesquisadores.

7. Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language: it's nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 185-204.

FLYNN, Suzanne; MARTOHARDJONO, Gita. Mapping from the initial state to the final state: The separation of universal principles and language specific properties. In: LUST, B. et al (Eds.) **Syntactic theory and first language acquisition: cross-linguistic perspectives: Vol. 1 Phrase structure**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1994.

HAEGEMAN, Liliane; GUÉRON, Jacqueline. **The New Comparative Syntax**. In: **English Grammar: A Generative Perspective**. 1. ed. Nova Jersey: Wiley, 1999.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas: Sintaxedas Línguas Brasileiras**. Minas Gerais, v. 18, n. 1, 2014.

KENEDY, Eduardo. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

KENEDY, Eduardo. O status da norma culta na língua-i dos brasileiros e seu respectivo tratamento na escola: algumas contribuições de estudos formalistas à educação. In: GUESSER, Simone (org). **Linguística: pesquisa e ensino**. Boa Vista, Roraima, v.2, 2016.

KRASHEN, Stephen. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

LICERAS, Juana. **La Adquisición de la Lengua Materna y las Lenguas Segundas: ¿Qué caminos llevan a qué Roma?**. Universidad de Valladolid, 2004.

MARQUES, Felipe Mesquita. **Transferência de L1 e Acesso à Gramática Universal no Contexto do Parâmetro do Sujeito Nulo: evidências da aquisição / aprendizagem do Inglês como L2 por falantes adultos do Português Brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2004.

PINTO, Bruna. **O Apagamento do Sujeito: Uma análise da língua inglesa**. TCC (Graduação em Letras Licenciatura Português e Inglês) – Universidade Geraldo Di Biase. Volta Redonda, Rio de Janeiro, 2020.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ROSA, Gian. o sujeito nulo na aquisição do português brasileiro como língua estrangeira. In: GALVÃO, Vânia; ROSA, Gian; SILVA, Kleber; BERTOQUE, Lennie (orgs). **O Sujeito Gramatical no Português Brasileiro: expressão, concordância, ergatividade e afetamento**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

SAMPAIO, Letícia Teixeira. **A interpretação aspectual do morfema – ed por falantes brasileiros aprendendo inglês como L2**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2011.

WHITE, Lydia. **Second language acquisition and universal grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1989.